



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no lançamento da Conferência Nacional das Cidades

Palácio do Planalto, 09 de abril de 2003

Excelentíssimo senador José Sarney, presidente do Congresso Nacional,
Excelentíssimo ministro das Cidades, companheiro Olívio Dutra,
Excelentíssima deputada Maria do Carmo Lara, presidente da Comissão de Desenvolvimento Urbano e Interior, da Câmara dos Deputados,

Meu caro companheiro Jorge Mattoso, presidente da Caixa Econômica Federal,

Meus companheiros ministros e ministras de Estado,

Meus companheiros deputados e deputadas aqui presentes,

Meus companheiros prefeitos e prefeitas de várias cidades do Brasil, presentes neste ato,

Meus companheiros e companheiras representantes das entidades que compõem a Comissão Executiva da Conferência das Cidades,

Minhas companheiras e meus companheiros,

Quando cheguei aqui, encontrei uma comissão de recepção, cada um com a bandeira do estado que representava. Eu tive exata noção do quanto já viajei neste país. Porque eu conhecia, um por um, os companheiros dos estados que estavam ali na recepção. Eu estou vendo aqui, companheiros e companheiras de, pelo menos, 25 anos de trajetória e luta.

Eu estava comentando com o Olívio Dutra: eu estava ouvindo vocês gritarem que “trabalhador, unido, jamais será vencido” e me lembro quantas vezes tive que correr da polícia gritando essa palavra de ordem. E junto com muitos de vocês. Houve um dia em que me disseram que eu deveria me embrulhar na Bandeira Nacional, que não apanharia. Apanhei do mesmo jeito. Depois disseram que eu



tinha que aprender a cantar o Hino e quando eles viessem para cima, nós cantássemos o Hino do Soldado. Eu cantei, Sarney, mas não teve jeito. E o que nós estamos vendo aqui, hoje, é uma mudança excepcional na trajetória e na política do nosso país.

Quando nós começamos a dar os primeiros passos para elaborar a Constituição, para tentar criar uma consciência de urbanização neste país, não imaginávamos que, em tão pouco tempo – porque, para nós, pessoalmente, parece muito tempo, mas para a história do país é muito pouco tempo –, nós conseguíssemos, hoje, estar reunidos, no Palácio do Planalto. Não imaginávamos que as comissões das entidades dos movimentos populares, dos empresários e do Governo, que vão organizar as conferências municipais, mais ou menos no mês de agosto, as estaduais em setembro e a Conferência Nacional em outubro, pudessem estar aqui dentro.

Eu fico imaginando, da mesma forma, que tantas vezes nós sonhamos ganhar as eleições para Presidente, e fico imaginando quantas vezes vocês sonharam em entrar aqui no Palácio do Planalto. Isso não é pouco. Eu me lembro quando, em 1994, fui à África do Sul ter um encontro com Mandela, e o que mais me chamou a atenção na visita ao Palácio de Governo, presidente Sarney, foram as mulheres e homens negros que, pela primeira vez, tinham conquistado o direito de chegar a um Palácio que tinha sido feito apenas para brancos. Isso parece pouco, mas se analisarmos a evolução histórica, o que nós estamos fazendo neste momento, é mais do que governar um país, é contribuir para uma mudança sem volta na história do nosso país.

Quando nós fizemos o programa de Moradia Popular, foi a primeira grande experiência do envolvimento de tantos segmentos da sociedade para elaborar um projeto.

Eu penso que poucas vezes na vida nós conseguimos um projeto com tanta unanimidade como conseguimos naquele, ou seja, dos moradores dos cortiços de São Paulo aos moradores das palafitas de Recife, do Maranhão ou Bahia, aos



moradores das favelas de qualquer lugar deste país, aos sem-teto do Brasil, aos empresários da construção civil, aos Creas do Brasil inteiro, houve uma unanimidade em torno daquele Projeto.

Depois nós conseguimos que o Congresso Nacional aprovasse o Estatuto das Cidades; depois, criamos o Ministério das Cidades, porque era preciso criar , e agora estamos dando, não ainda o passo definitivo, mas um passo muito importante, que é constituir um Conselho que vai contribuir para organizar as conferências. E vocês vão perceber que, a partir desse Conselho, as coisas ficarão mais fáceis.

O movimento social terá, aqui em Brasília, na porta de cada Ministério, um companheiro, um amigo pronto a atendê-lo quando ele quiser, e vale para o movimento social, para os empresários, e para todos os setores organizados da sociedade. Ninguém, em sã consciência, reclamará desse Governo por falta de diálogo. Aqui as pessoas serão ouvidas e, sobretudo, serão respeitadas, e o que falarem será levado muito a sério.

Acho importante esse pacto entre nós. Vivemos nas cidades, é nelas que moramos, trabalhamos, estudamos, nos divertimos e enfrentamos nossos problemas. É nas cidades também que encontramos muitas das soluções que procuramos. É por isso que sempre disse que não devemos poupar esforços para garantir, na prática, aquilo que a Constituição de 1988 nos assegura – o direito fundamental de morar com dignidade.

E isso não significa apenas construir casas, precisamos ter infra-estrutura, saúde, educação, transporte público de qualidade, espaços de lazer e cultura, áreas de convivência social, segurança pública, de que tanto necessitamos. Nós estamos aqui, neste evento, porque temos compromisso com esses objetivos. Vamos criar conselhos das cidades nos municípios, nos estados e em nível nacional. Com esses conselhos, prefeitos, governadores, governo federal e a sociedade civil organizada poderão definir, conjuntamente, as prioridades e o desenvolvimento planejado de nossas cidades.

É muito bom ver que o Ministério das Cidades tem buscado parcerias com



tanta gente interessada em dividir com o Governo a tarefa de mudar este país e transformar a vida das pessoas.

O ministro Olívio Dutra sabe da responsabilidade que tem com o Ministério das Cidades. Sabe o quanto é importante dialogar com os nossos prefeitos, e que só conseguiremos alcançar os nossos objetivos se tivermos claro que vivemos em uma Federação que devemos fortalecer.

Eu disse aos prefeitos que participaram da VI Marcha a Brasília em Defesa dos Municípios e repito agora: precisamos ter a convicção de que a relação do governo federal com os municípios mudou definitivamente. Hoje, temos, no Ministério das Cidades, um canal para que os prefeitos sejam ouvidos, mas também para que compartilhem conosco as soluções que encontraram. Vamos trabalhar em parceria e dividir nossas responsabilidades.

Desde o começo do ano tenho dito ao ministro Olívio Dutra que nós precisamos começar a fazer casas, dando prioridade para quem está morando em condições desumanas. E hoje, aproveitando a presença de todos vocês, que vieram participar desta Conferência, tenho o prazer de anunciar que vamos investir, durante este ano, 5 bilhões e 300 milhões de reais para financiar a construção, a compra e a reforma de moradias.

Esse dinheiro irá beneficiar 359 mil famílias das quais, 234 mil ganham até cinco salários mínimos. Somente no que diz respeito à produção, a meta para 2003 é iniciar a construção de 230 mil casas com infra-estrutura. Ao todo, 1 milhão e 400 mil pessoas serão beneficiadas. Acho que isso é um bom começo porque, além de tudo esse esforço vai gerar 507 mil novos empregos no nosso país.

Isso faz parte de uma série de iniciativas que estamos promovendo, para dar prioridade, na prática, aos problemas sociais brasileiros. O Ministério das Cidades e a Caixa Econômica Federal estão trabalhando juntos para saldar dívidas sociais importantes que o Brasil tem com a nossa população, principalmente a população de baixa renda.

Sabemos que o Brasil precisa – para garantir a cada família o direito de morar



dignamente – de praticamente seis milhões de novas casas. Esse déficit é responsável pela existência das palafitas, feitas nas margens do rio Amazonas ou na costa do Recife, como as de Brasília Teimosa, que visitei recentemente. Esse déficit é responsável pelas quatro mil favelas que se espalham e crescem nos grandes centros urbanos do nosso país. É responsável ainda por termos apenas 80 cidades brasileiras com índice de desenvolvimento humano elevado, em um país com mais de cinco mil e 500 municípios.

Quem não conhece de perto essa situação, mas assistiu ao filme “Cidade de Deus”, sabe muito bem do que eu estou falando. Para reduzir esse déficit, é preciso dinheiro e vontade política. O dinheiro não é todo aquele que gostaríamos de ter, mas vontade política é o que não falta. Vamos, então, juntar criatividade a essa enorme vontade política, mesmo sabendo que as coisas não se resolvem do dia para a noite.

Até agora falei dos problemas dos centros urbanos, mas não é só neles que faltam casas, as áreas rurais também não possuem todas as moradias necessárias para garantir teto a cada um dos seus habitantes.

Por isso o Ministério das Cidades, em parceria com a Caixa Econômica Federal, o Ministério do Desenvolvimento Agrário, o Incra e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, vai desenvolver um projeto-piloto de construção de moradias com infra-estrutura para aproximadamente 1.200 famílias que residem em 20 assentamentos rurais, em 17 estados do nosso país.

Além disso, o Ministério das Cidades vai assinar com o BID, um contrato de financiamento no valor de 167 milhões de dólares. Esse dinheiro será gasto na melhoria e ampliação dos sistemas de abastecimento de água e de serviço de esgoto em municípios de população entre 15 mil e 75 mil habitantes.

Segundo me informou o companheiro Olívio Dutra, e fiquei muito feliz com isso, o esforço irá beneficiar municípios do Vale do Jequitinhonha, que estão entre os mais necessitados do Brasil, além de outros municípios de outras regiões do país.

Para vocês terem uma idéia, no ano passado, a Caixa Econômica Federal



tinha contratado, para saneamento e infra-estrutura, 262 milhões de reais. No final do ano, ao fechar a contabilidade, só tinha sido gasto 19 milhões de reais, ou seja, muito pouco do acordado.

Com esse empréstimo do BID, ao qual me referi, com 1 bilhão e 400 milhões que a Caixa tem para gastar com saneamento, nós vamos retomar investimentos que garantam saneamento hoje e amanhã. Vocês sabem que 54 % das crianças brasileiras, na faixa de 0 a seis anos, vivem em residências sem saneamento adequado. Vocês acham aceitável guardar dinheiro em caixa quando a situação do nosso povo é tão crítica?

Eu quero dizer ao meu querido companheiro Mattoso, ao meu querido companheiro Olívio Dutra, que nenhum governo pode se dar ao luxo de chegar ao final do ano e não ter gasto o que tinha que gastar, o que já estava determinado no orçamento das instituições.

Afinal, uma coisa é gastar mais do que se arrecada, outra é não gastar o pouco que se tem em caixa, quando a população precisa disso para viver com um mínimo de condições dignas. Estou convencido de que estamos no rumo certo. Em pouco mais de três meses vocês já puderam perceber que o Brasil está sendo governado de forma diferente.

Essas medidas que anuncio hoje são mais um passo rumo às mudanças que vamos realizar neste país. Estamos no início de um processo que não será tão imediato quanto eu gostaria que fosse, mas que vai garantir melhores condições de vida para o nosso povo.

Eu disse ontem e quero repetir: nós estamos começando um processo, que é como se nós plantássemos uma árvore, os frutos não darão no mesmo dia. Mas se fizermos o que estamos fazendo aqui, plantar, adubar e regar, vocês podem ficar certos de que essa árvore que está sendo plantada hoje, aqui, vai dar os mais belos frutos que uma árvore frutífera já deu, em qualquer pomar da democracia neste país.

E vocês sabem que vão se constituir em Conselhos, não apenas para



reivindicar do Governo. Nós queremos mais do que isso, queremos que vocês ajudem a propor, que vocês exijam, e nos empurrem. Sabem porque é preciso empurrar? Porque a máquina é muito grande. A burocracia, às vezes, também é grande. Às vezes, uma coisa que poderia ser resolvida hoje, entre um papel daqui, um papel dali, um telefonema, demora semanas. E se vocês não estiverem cobrando, a gente até acha que já está resolvido. Muitas vezes, vocês vão até ver a gente de cara feia, porque vocês estão cobrando, mas não se importem com as nossas caras feias. Cobrem, que é um direito de vocês.

O mais importante geógrafo brasileiro, o nosso saudoso Milton Santos, dizia que, por mais poderosa que seja a globalização, as pessoas continuam a viver nos seus lugares e não no universo. Então, vamos cuidar do desenvolvimento das nossas cidades, porque é nelas que as transformações que almejamos irão, de fato, ocorrer.

Muito obrigado.

/rss/cms